

**CARDOSO, Walter**

## **INTERPRETAÇÃO BACHELARDIANA DO ESPÍRITO PRÉ-CIENTÍFICO NO BRASIL PORTUGUÊS**

**Tese de Mestrado, PUCSP, 1 977**

Abordando a história da ciência no Brasil a partir das categorias que Gaston Bachelard utilizou na sua epistemologia, Walter Cardoso inspirou-se particularmente no **La Formation de l'esprit scientifique**, para redigir sua dissertação.

O estudo em questão apresenta, na "Introdução", uma concepção de história da ciência e sua especificidade; aponta as razões da delimitação do estudo da história da ciência no Brasil ao período pré-científico, bem como as fontes e o método utilizados pelo autor.

Na primeira parte da dissertação, Walter Cardoso expôs a compreensão bachelardiana da história do espírito científico. Esta primeira parte foi subdividida em dois capítulos: o primeiro, diz respeito à **história da ciência**, tratando de método científico, do progresso filosófico dos conceitos científicos através da história, das características da filosofia da ciência e de cinco nações, com que Bachelard aborda a história da ciência: a idéia de progresso, a afirmação da descontinuidade entre o conhecimento comum e o conhecimento científico, a noção de obstáculo epistemológico, a caminhada do espírito científico do realismo ao racionalismo e o caráter dinâmico, dialético, da história da Ciência.

O segundo capítulo analisa as características do espírito científico e seu papel na história da ciência e da evolução individual dos espíritos científicos.

A segunda parte estuda em detalhe os conceitos pré-científicos de matéria no Brasil Português e tem como fulcro as manifestações do espírito pré-científico, que resultaram em obstáculos epistemológicos à evolução da ciência no Brasil. Constitui a parte mais original da dissertação, em que o autor, empregando saborosamente expressões encontráveis em obras de Bachelard, tais como: "o microscópio a serviço dos sentidos", "a perenidade das cinzas" etc., documenta os principais obstáculos epistemológicos, a partir de textos da época, comparando-os com os apontados por Bachelard.

Deixando em aberto duas questões: a da passagem, no Brasil, da época pré-científica para a verdadeiramente científica e a da afinidade entre as idéias de Bachelard e as dos outros historiadores da ciência, o autor conclui o

trabalho, oferecendo uma cuidadosa bibliografia sobre o assunto, de mais de dez páginas.

Exigindo colaboração interdisciplinar na sua feitura, a dissertação de Walter Cardoso resultou de um diálogo, instaurado pelo autor, entre a História Antiga do Brasil, a História da Ciência e a epistemologia histórica de Bachelard.

Constança T. Marcondes Cesar \*

**SZASZ, Thomas S.**

**A FABRICAÇÃO DA LOUCURA – UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A INQUISIÇÃO E O MOVIMENTO DE SAÚDE MENTAL**

Rio, Zahar, Editores, 2ª edição, 1 978 ( Col. Psyche ). Trad. Dante Moreira Leite, 408 págs.

Os métodos psiquiátricos de controle social do moderno movimento de saúde mental terão conseguido arvorar-se em criações totalmente diversas e independentes dos métodos da Inquisição, usados para identificar, perseguir e punir feiticeiras e vítimas da possessão demoníaca ?

A Psiquiatria, em sua ambição de desvendar o máximo do mundo psíquico, em seus múltiplos aspectos, ter-se-á tornado um abuso característico da Medicina, como a Inquisição foi o abuso característico do Cristianismo, em relação à personalidade humana ?

Serão os psiquiatras tão intolerantes quanto o foram os padres-inquisidores que, do século XIII ao século XVII, condenaram heréticos, judeus e feiticeiras à tortura e ao fogo ?

Combinará a Psiquiatria a arbitrariedade de juízos psiquiátricos com a punitividade das sanções penais, hoje aceitas, como a Inquisição combinava a arbitrariedade dos juízos teológicos com os castigos das sanções penais, aceitas na época ?

Redundará em largo proveito para a Família e/ou para o Estado, a severidade com que são tratados os “doentes mentais”, como redundaram para os reis e príncipes temporais e para a Igreja medieval a extrema severidade com que trataram pessoas por motivos de feitiçaria ou por questões religiosas ?

São estas algumas das questões que Thomas S. Szasz, psiquiatra praticante e professor de Psiquiatria na Universidade de New York, em

( \* ) Do Instituto de Filosofia da PUCC.

Siracusa, se propõe a discutir e analisar, em profundidade, com este livro, cujo título exprime exatamente o seu conteúdo, e que se lê como a um romance de ação.

Na tentativa de compreender e interpretar a condição humana no mundo moderno, o A., valendo-se do comparativismo histórico e do método sociológico do estudo da divergência, e ignorando as limitações do especialista e os preconceitos doutrinários e políticos, faz veemente crítica aos abusos de uma Psiquiatria que desumaniza, oprime e persegue a pessoa estigmatizada como “mentalmente doente”, contestando as modernas práticas psiquiátricas que se apóiam numa “ideologia imoral de intolerância medieval”.

Consciente de que suas opiniões enfrentam ideologias de há muito estabelecidas e estruturadas, o A. traça um paralelo entre a Inquisição e o Movimento de Saúde Mental, mostrando as semelhanças que existem entre a crença em feitiçaria e a crença em doença mental, entre a caça de feiticeiros, heréticos e judeus e a perseguição de doentes mentais; pois, para ele, “...o fim de uma ideologia é o início de outra; quando termina a heresia religiosa, começa a heresia psiquiátrica; quando termina a perseguição da feiticeira começa a perseguição do louco” ( pág. 142 ).

Para a demonstração de sua tese, o A. distingue dois tipos de Psiquiatria: a “Psiquiatria Institucional”, onde as intervenções psiquiátricas são impostas por outros às pessoas, e que se caracterizam pela perda completa do controle pelo cliente ou paciente de sua participação nas relações com o especialista, e cujo serviço típico é a hospitalização involuntária em hospital psiquiátrico ( págs. 17, 23 – 24 ). A “Psiquiatria Institucional” satisfaz, segundo o A., “as necessidades dos membros ‘mentalmente sadios’ do grupo” ( pág. 21 ); e a “Psiquiatria Contratual”, que o A. privilegia por julgá-la mais democrática nas ligações Poder ( Estado ) – Saber ( Psiquiatria ), onde as intervenções psiquiátricas são aceitas por pessoas levadas a ela por sofrimento ou dificuldades pessoais. Nesse tipo, o cliente ou paciente mantém o controle completo de sua participação nas relações com o psiquiatra. Seu serviço típico é a psicoterapia autônoma. ( págs. 17, 23 – 24 ).

Constatando a realidade de um sistema de crenças, prática e conceitos usados pela “Psiquiatria Institucional”, que serve para alicerçar o pensamento generalizado da suposta inferioridade psicológica e incapacidade social do “doente mental”, o A. defende a tese de que “a função social da

Inquisição e da Psiquiatria Institucional reside no serviço que ambas prestam à sociedade; dão ambas um sistema intelectualmente significativo, moralmente elevado e socialmente bem organizado para a afirmação ritualizada da benevolência, glória e poder da ética dominante da sociedade. Do lado de fora, ou para o observador crítico, tais instituições poderiam parecer duras e opressivas; do lado de dentro, ou para o verdadeiro crente, são belas e generosas, e ao mesmo tempo agradam às massas e aos seus senhores. Este é o segredo de seu triunfo” ( pág. 88 ).

Assim, mostrando que a continuidade histórica vai da instituição-feitiçaria à instituição-psiquiatria, o A. rastreia o conceito de “doente mental” e assevera que “no passado os homens criavam feiticeiras e hoje criam doentes mentais” ( pág. 19 ), e demonstra que “o conceito de doença mental serve, no mundo contemporâneo, à mesma função social que tinha o conceito de feitiçaria no fim da Idade Média” ( pág. 21 ), com suas implicações morais, conseqüências sociais e desdobramentos políticos.

O A., portanto, considera falsos e imorais os métodos usados pela “Psiquiatria Institucional”, que, como os da Inquisição, visam, principalmente, proteger a sociedade das pessoas “cujo comportamento difere do apresentado por seus semelhantes” ( pág. 31 ), perseguindo e encarcerando-as em hospitais, com terapia forçada, inclusive com o emprego de drogas, choque e, mesmo cirurgia, seguindo-se da privação dos direitos legais. Segundo, ele “é precisamente isso o que caracteriza o homem como inimigo das diferenças humanas. Aceita o outro na medida em que o Outro se conforma à sua imagem e à sua conduta. No entanto, se ele e o Outro são diferentes, define o Outro como deficiente física, mental e moralmente — e só o aceita na medida em que é capaz de afastar os aspectos que o isolam do normal. Se o Outro renuncia às suas crenças falsas, ou se submete a tratamento para a sua doença, então, e apenas então, será aceito como membro do grupo. Se não consegue fazer isso, o Outro se torna o Mau — quer seja chamado o Estranho, o Paciente, ou o Inimigo” ( págs. 191 — 192 ).

Numa visão global, o A. vem de criticar, também, a posição que as pessoas tomam diante de problemas como a masturbação, o homossexualismo e as perseguições médicas por motivos de crenças políticas, raça, religião e classe social, numa tentativa de despertar nova consciência e nova atitude diante desses padrões “anormais” do comportamento humano.

Destarte, o quadro delineado pelo A. torna A FABRICAÇÃO DA LOUCURA não só uma reavaliação crítica da visão tradicional da Psiquiatria,

mas, também, um corajoso libelo contra “um padrão psiquiátrico difuso de mortificação, intimidação e degradação, que confirma o direito de algumas autoridades sociais para colocar alguns indivíduos, principalmente de classes sócio-econômicas inferiores, no papel de doentes mentais” ( pág. 25 ).

Em resumo, é uma obra polêmica que merece nossa reflexão.

**João Ribeiro Júnior \***

---

( \* ) Mestrando em Filosofia da História na PUCC.